

Condições de trabalho e suas influências para a saúde do docente atuante nas escolas de Ensino Médio da 17ª CRE / RS

Working conditions and their influences on health of teachers in the High Schools of the 17th CRE / RS

Jonatan Ismael Eisermann¹, Daliane Alice Bencke²,
Juliana Bortoluzzi Turra³, Marcelo Eder Lamb⁴

RESUMO

A saúde de um profissional é fundamental para o seu desenvolvimento e desempenho no trabalho. Ter condições de trabalho que favoreçam uma saúde de qualidade e o bem-estar são aspectos que muitos educadores vêm buscando. O objetivo desta pesquisa é analisar as condições de trabalho dos professores de Ensino Médio das escolas estaduais da 17ª CRE/RS e as influências para sua saúde. Para alcançá-lo, utilizou-se uma pesquisa descritiva, quantitativa e de levantamento. Também foram feitas leituras sobre o tema, aplicação de questionários e análise das principais doenças que acometem os docentes. As atuais condições de trabalho da classe possuem algumas falhas que prejudicam sua saúde, tais como o elevado número de alunos/turma, a utilização do quadro-negro, a falta de uma área de lazer adequada ao número de alunos e pouco tempo de planejamento na escola. Já os principais itens favoráveis nessas escolas são os recursos multimídia e climatizadores em todas salas de aula. Quanto à saúde, observou-se que há uma grande quantidade de docentes com doenças e problemas físicos e psicológicos. Entre os primeiros destacam-se artrite, artrose, dores nas costas e nos braços e enxaquecas; entre os últimos o estresse e a depressão predominam. As condições de trabalho interferem na saúde desse profissional, e os professores acreditam nisso, sendo que uma quantidade significativa desses docentes afirmam estarem insatisfeitos com elas. Para que a educação atinja seus objetivos com sucesso, é imprescindível que a saúde do professor esteja preservada e que este atue com ânimo e disposição.

Palavras-chave: Professor. Trabalho. Saúde.

ABSTRACT

The health of a professional is essential for his personal development and performance at work. Many educators have been seeking for working conditions that favor quality of health and welfare. The objective of this research is to analyze the working conditions of High School teachers in the state schools of the 17th CRE/RS and their influences on the health of those professionals. To do so, it was used a descriptive quantitative research, as well as a survey for data collection. Readings were also carried out about the topic and questionnaires were applied for the analysis of the major diseases that affect teachers. Current working conditions of those teachers have some flaws that harm their health, such as the high number of groups to teach and students in class, the use of the blackboard, the lack of an adequate recreation area coherent on the number of students and little time for planning classes in the school. On the other hand, the main favorable aspects in these schools are the multimedia equipment available and the air conditioners in all classrooms. Regarding health, it was observed that there are many teachers with physical and psychological diseases and problems. The main physical problems are arthritis, osteoarthritis, backache, arm ache and migraines; regarding psychological problems, stress and depression predominate. Working conditions influence the health of these professionals and they believe it is true since a significant amount of those teachers claim to be dissatisfied with them. In order to successfully achieve educational goals, it is essential that the teachers' health be preserved, which will lead to motivated and willing professionals.

Keywords: Teacher. Work. Health.

1 jonatan.eisermann@hotmail.com | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Santa Rosa

2 dalianebencke96@gmail.com | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Santa Rosa

3 juliana.b.turra@hotmail.com | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Santa Rosa

4 marcelo.lamb@iffarroupilha.edu.br | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Santa Rosa

1 Introdução

Aliar qualidade de vida com trabalho em meio a um mundo capitalista, globalizado, tecnológico e competitivo é, certamente, um dos desafios dos trabalhadores no século XXI.

A classe docente, especificamente, vem apresentando muitos problemas de saúde em vista de seu trabalho, como mostrou uma pesquisa realizada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em 2003, em que 46% dos professores entrevistados já haviam diagnosticado algum tipo de estresse. O problema da pesquisa (Como as condições de trabalho do professor de Ensino Médio das escolas da 17ª Coordenadoria Regional de Educação/RS influenciam em sua saúde?) surgiu através de observações do cotidiano escolar e discussão dos autores, em que se percebeu que alguns docentes estavam descontentes com seu trabalho e afastando-se frequentemente por motivo de doença. A principal questão debatida pelos autores foi a própria experiência de ter sido prejudicado com a ausência de docentes na Educação Básica, devido a problemas de saúde. Assim, surgiu a curiosidade de buscar entender quais condições de trabalho do professor que o levam a esse estado depreciativo.

O profissional da educação é fundamental para a estruturação de uma sociedade e a formação dos cidadãos, havendo a necessidade de valorizá-lo em vários aspectos, tais como salário e boas condições de trabalho. Estes influenciam na saúde do docente, interferindo de diversas maneiras em sua atuação.

Além de, muitas vezes, enfrentar uma carreira profissional com baixa remuneração, escolas com pouca infraestrutura, elevado número de alunos/turma, desgaste físico e psicológico, existe uma certa pressão social sobre os educadores, em geral, pois são eles os profissionais responsáveis pela formação dos cidadãos. É o que Nóvoa (2002, p.57) afirma: “Os professores são criticados por não garantirem na escola aquilo que a sociedade não consegue fora dela”.

Com a pesquisa, buscamos conhecer as condições de trabalho dos professores de Ensino Médio da 17ª CRE/RS, verificar quais doenças mais os acometem, a fim de analisar se e como essas condições influenciam em sua saúde.

2 Referencial Teórico

Com o passar dos anos, a sociedade e seus vários segmentos vêm se transformando e se aperfeiçoando de acordo com a realidade de cada época. A educação e o papel do educador, a exemplo, também sofrem transformações.

Atualmente, devido às necessidades do Brasil e do mundo, um dos principais papéis da escola é formar cidadãos críticos, preparados para enfrentar os problemas e desafios existentes. Mas muitas vezes esse objetivo acaba sendo barrado por problemas decorrentes de falhas do planejamento educacional, da formação docente, de problemas sociais.

Um desses problemas é o desgaste físico e mental da profissão docente. A saúde dos professores, principalmente da rede pública, representa um grave problema para a sociedade no século XXI. Sua preservação é fundamental para que eles realizem seu trabalho com dedicação e empenho, contribuindo para uma educação de qualidade.

O professor, atualmente, encontra um ambiente escolar repleto de desafios e assume responsabilidades advindas de todo contexto social. Por um lado, a demanda de conhecimentos necessários ao exercício da profissão e a exigência pedagógica que impõe um conjunto de saberes a serem construídos pelos alunos. Por outro lado, os alunos que, na maioria das vezes, estão poucos interessados no que o educador tem a lhes oferecer e exigem propostas pedagógicas contextualizadas com as suas diferentes realidades (SANTOS; ANTUNES; BERNARDI; 2008, p. 46).

O contexto social vivenciado atualmente é fortemente influenciado pela evolução da tecnologia, muito utilizada pelos jovens. Usufruir de certas ferramentas proporcionadas por esta e aliá-las ao processo educativo pode facilitar a aprendizagem discente. Quando o professor não evolui e não traz inovações para a sala de aula, ele corre o risco de ser interpretado como antiquado. Mas o uso de algumas tecnologias, como o celular, muito utilizado para acessar as redes sociais, pode causar algumas “dores de cabeça” para o professor.

2.1 As condições de trabalho dos professores

A profissão docente está sujeita ao barulho, desgaste da voz, cansaço e estresse. Muitas vezes, ainda, esta é vítima do desrespeito e de uma educação familiar desestruturada e marcada por conflitos que prejudicam o estudante. Codo (2002, p.93) afirma: “qualquer debate, por mais profícuo, por mais ilustrado que seja, ou leva em conta as condições de trabalho na escola, as condições dos trabalhadores que o realizam, ou estará fadado a engordar as estantes de nossas bibliotecas apenas”.

O complexo papel do docente e as rápidas mudanças, principalmente tecnológicas e sociais, foram apontadas por Zaragoza (1999) como as principais causas do que ele chamou de “mal-estar docente”. Entre os indicadores dessas mudanças, o autor destaca o aumento das exigências em relação ao professor, a ruptura do consenso social sobre educação, a menor valorização social do professor, mudanças nas relações professor-aluno e nos conteúdos curriculares, entre outras.

Amado explica que as atuais condições de trabalho do professor se devem ao sistema capitalista:

O trabalho do professor é diferente dos demais trabalhadores. Existe uma certa especificidade em sua atividade que o torna distante e ao mesmo tempo próximo ao capitalismo. Quando se diz que está distante é porque não produz o bem material comercializável. O produto final da educação é a mão de obra qualificada, que vai produzir a mercadoria para a comercialização. Entretanto, está próximo, quando a sua condição de trabalho é praticamente igual a do sistema capitalista: baixos salários, ampla jornada de trabalho e ambientes pouco adequados (AMADO, 2000, p.41).

Chiavenato (2004, p. 430) aponta, independente da profissão, que “um ambiente saudável de trabalho deve envolver condições ambientais físicas que atuem positivamente sobre todos os órgãos dos sentidos humanos — como visão, audição tato, olfato e paladar”.

Dessa forma, é importante para o professor uma boa estrutura física escolar com instrumentos e construções adequadas às necessidades de uma educação de qualidade, que preserve a saúde dos estudantes e funcionários, como por exemplo lousas brancas, aparelhos multimídia, climatizadores, espaço de lazer, entre outros.

Já para manter uma boa saúde mental e psicológica, é necessário que hajam, principalmente, boas relações entre as pessoas, gosto pela profissão e área de atuação e, no caso dos professores, número adequado de alunos por turma.

[...] aquelas situações em que a pessoa percebe seu ambiente de trabalho como ameaçador, suas necessidades de realização pessoal e profissional e/ou sua saúde física ou mental, prejudicando a interação desta com o trabalho e com o ambiente de trabalho na medida em que este ambiente contém demandas excessivas a ela, ou que ela não contém recursos adequados para enfrentar tais situações. (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES; 1997, p.24)

2.2 Principais doenças decorrentes da profissão docente

Varella (2011) avalia uma boa condição de trabalho como uma das recomendações para prevenir a síndrome de Burnout ou síndrome do esgotamento profissional. Ele a define como um distúrbio psíquico caracterizado pelo estado de tensão emocional e estresse crônicos, provocados por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes. Entre as principais ocorrências da síndrome, destacam-se os profissionais da área da educação, saúde e segurança, setores fundamentais para o bom funcionamento da sociedade.

“O sintoma típico da síndrome de Burnout é a sensação de esgotamento físico e emocional que se reflete em atitudes negativas, como ausências no trabalho, agressividade, isolamento, mudanças bruscas de humor, irritabilidade, dificuldade de concentração, lapsos de memória, ansiedade, depressão, pessimismo, baixa autoestima [...]. O tratamento inclui o uso de antidepressivos e psicoterapia.” (VARELLA, 2011, s.p.)

Segundo Dancini (2015), a Síndrome de Burnout traz consequências negativas para as organizações, para a pessoa, para o segmento de trabalho (profissão) e para a sociedade.

O uso intensivo da voz, causado principalmente por salas de aula lotadas e com bagunça, é outro fator que prejudica a saúde do professor. Uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apoesp), publicada em março de 2007, revelou que 57,1% dos docentes apontaram os distúrbios vocais entre os principais problemas da sua saúde.

Outros problemas físicos que podem surgir com a profissão são dores nas costas e nos ombros, decorrentes, principalmente, dos movimentos para a escrita no quadro; artrite, caracterizada por uma inflamação nas articulações, e artrose, degeneração da cartilagem nas articulações.

Além disso, o descumprimento de leis favoráveis a essa classe pode prejudicar o desempenho docente. É o caso do inciso 4º do artigo 2º da Lei Nº 11.738, de 16 de julho de 2008, que diz: “Na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos.”.

A boa saúde dos professores é um passo fundamental para que eles realizem seu trabalho com prazer e dedicação. O sucesso da educação e, conseqüentemente, da vida em sociedade, depende desse fator. Se as pessoas não derem importância a isso, a formação de estudantes e cidadãos estará sujeita a inúmeras falhas, decorrentes de profissionais desanimados.

3 Metodologia

A pesquisa, classificada como descritiva quanto aos seus objetivos e de levantamento quanto aos procedimentos metodológicos, foi realizada através de uma amostra das escolas estaduais de Ensino Médio da região de abrangência da 17ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação) do Rio Grande do Sul, sob autorização das respectivas direções, onde foram coletados os dados necessários e constatadas as devidas informações.

A rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul é dividida em 30 CREs (Coordenadorias Regionais de Educação). A 17ª CRE abrange 22 municípios, todos localizados na região noroeste do estado: Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Campinas das Missões, Cândido Godói, Doutor Maurício Cardoso, Giruá, Horizontina, Independência, Nova Candelária, Novo Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, Senador Salgado Filho, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi.

Conforme o Diagnóstico da Educação Básica de 2013, realizado pelo DEPLAN e pela SEDUC, a 17ª CRE conta com 78 estabelecimentos estaduais de Educação Básica, dos quais 30 ofertam o

Ensino Médio e foram o local de aplicação dos questionários, uma vez que o público-alvo eram os cerca de 450 professores que lecionam no Ensino Médio dessas escolas.

A escolha da aplicação dos questionários foi aleatória, sendo sorteadas 9 dentre as 30 escolas que atendiam aos critérios da pesquisa. O questionário (anexo I) continha 16 perguntas predominantemente fechadas e foi aplicado por contato direto, pelos pesquisadores e colaboradores, aos professores, que eram livres para optar em responder ou não.

Não houve interferência dos pesquisadores no tema, apenas uma descrição do objeto de estudo. Em relação à análise de dados, é quantitativa por recorrer a uma estatística descritiva. Pelo fato de a pesquisa ser quantitativa, os resultados obtidos no questionário foram interpretados através de uma estatística descritiva, a fim de demonstrar, analisar e compreender o problema.

A pesquisa teve como variável independente as condições de trabalho docente que envolvem: carga horária e sua distribuição, número de alunos por turma, área de atuação, espaço físico da escola, recursos disponíveis. A partir dessa variável, foi estudada a sua influência sobre a saúde do professor, variável dependente, em que foi analisado o tempo fora da sala de aula por doenças, atestados ou laudos, consultas ou exames de rotina, sintomas de doenças físicas, psicológicas e mentais.

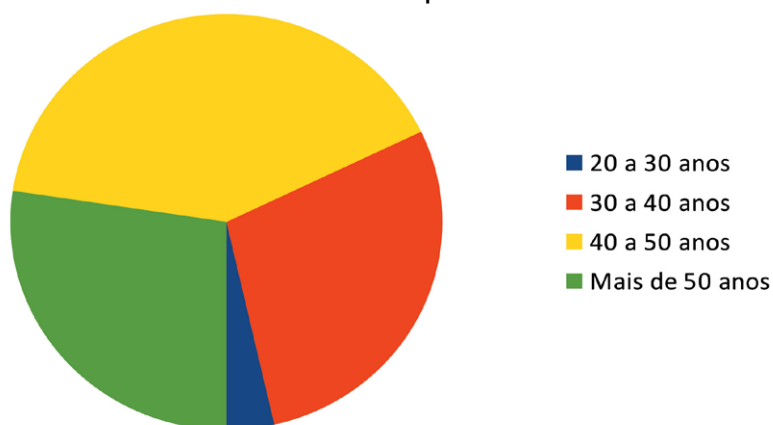
4 Análise e discussão dos resultados

Após a aplicação dos questionários, os dados foram analisados e serão apresentados neste capítulo. É importante salientar que, nas nove escolas em que houve a aplicação dos questionários, 85 professores aceitaram o convite.

4.1 O perfil dos professores

A primeira questão abordada no questionário foi referente a própria idade:

Gráfico 1 – Idade dos professores



Fonte: elaborado pelos próprios autores

Percebe-se que a grande maioria dos professores possuem mais de 40 anos (67%) e que apenas 3,5% possui de 20 a 30 anos. Esse é um dado preocupante, pois revela uma população docente mais envelhecida e uma pequena taxa de professores novos, abrindo a possibilidade da falta desses profissionais num futuro próximo.

Mota (2015) acredita que, atualmente, uma população docente mais velha possa prejudicar os discentes, pelas grandes diferenças histórico-culturais. As gerações formadas a partir dos anos

1990, por exemplo, tiveram um contato muito mais próximo com a tecnologia do que as suas anteriores. Segundo o autor, é preciso conjugar tecnologia e educação em um mesmo processo, criando e disseminando uma nova e eficaz metodologia de ensino. Os professores acabam não disseminando esse tipo de cultura:

Primeiro, porque eles são mais velhos. Por que é tão difícil? Porque o gestor político em geral é mais velho. Por que há tanto conflito com o gestor educacional? Porque, em geral, é mais velho. Há um conflito latente entre os mais jovens e os mais velhos. Às vezes, não aparenta tanto porque eles estão parando de se falar. As crianças hoje estão vivendo outra realidade que está em conflito total com os mais velhos. Selecione um grupo de crianças de oito a 10 anos e pergunte: quanto tempo você fica na internet? E coloque múltiplas escolhas de duas horas até 12. Faça uma segunda: quantas vezes você entra na internet por dia? Um terço das crianças não responde porque a pergunta é nonsense. Pelo simples fato de que elas ficam o tempo todo. Mandamos essas crianças para a escola, mandamos um professor que tem relativo antagonismo com tecnologias e pedimos que um ensine o outro. Estão lá forçados. Nem o professor quer estar ali porque não entende quem ele está educando. Nem as crianças entendem os professores. (MOTA; 2015, s.p.)

Esse conflito entre gerações na escola pode prejudicar o processo educacional e, também, a saúde de alunos e professores.

É importante destacar que 40,5% do total atua há mais de 20 anos na profissão, enquanto apenas 25% trabalha há menos de 10 anos como professor.

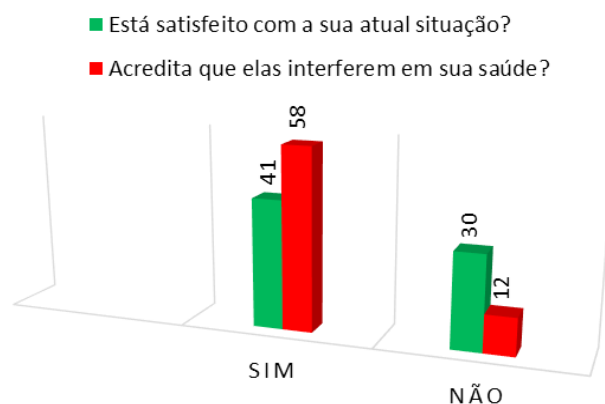
Quanto ao sexo, prevalece o sexo feminino: 78% são mulheres e 22% homens.

Em relação à área de atuação dos participantes do questionário, 34 atuam na área de Línguas e suas Tecnologias, 19 em Ciências e suas Tecnologias, 16 em Ciências Exatas e 15 em Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

4.2 As condições de trabalho

A maioria dos professores acredita que as condições de trabalho influenciam em sua saúde, porém estão satisfeitos com a sua atual situação trabalhista.

Gráfico 2 – Interferência e nível de satisfação das condições de trabalho



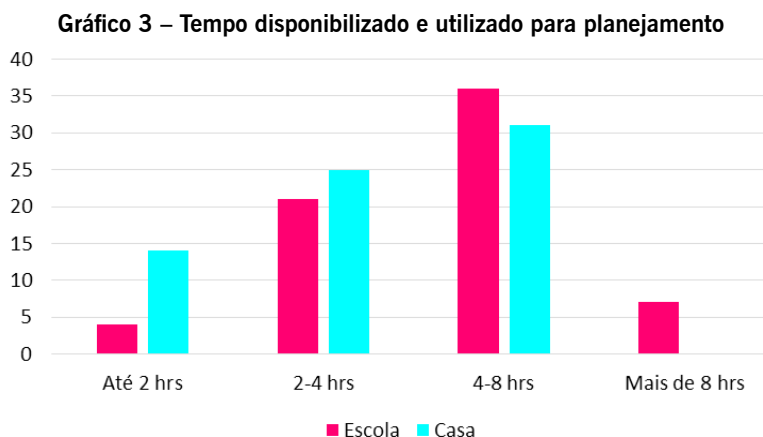
Fonte: elaborado pelos próprios autores

Entre as principais condições de trabalho que influenciam a saúde docente, estão: a carga horária, a quantidade de alunos por turma, o tempo disponibilizado para planejamento, o espaço físico e os recursos disponíveis na escola.

A distribuição de professores por carga horária é irregular, prevalecendo a jornada de 40 horas semanais com cerca de 64% do total; com 20 horas, 29%; e 7% com 60 horas. Considera-se que a carga horária interfere na saúde de qualquer profissional quando é muito elevada e acaba retirando o tempo do lazer, descanso e outras atividades fundamentais para a preservação do seu bem-estar.

A maioria dos professores conta com uma média de mais de 25 alunos por turma, e nenhum dos questionados afirmou ter menos de 15. A diminuição de alunos por turma é necessária para um melhor rendimento tanto docente como discente, pois quanto menor for o número de alunos, mais atenção o professor poderá dar aos estudantes, e, conseqüentemente, melhor será o processo de ensino-aprendizagem – é o que revelou a pesquisa “Caminhos para melhorar o aprendizado”, promovida pelo Instituto Ayrton Senna e o movimento Todos Pela Educação. O estudo aponta que uma redução média de 30% do tamanho da turma pode aumentar até 44% o aprendizado ao longo do ano letivo.

Também o tempo disponibilizado para planejamento na escola e em casa atinge a saúde da classe docente. É uma relação de dependência: quanto maior o tempo de planejamento na instituição, menor será o tempo desta tarefa em casa. Assim, é possível que o professor se sinta menos preso as suas tarefas profissionais e trabalhe com maior dedicação e entusiasmo.



Fonte: elaborado pelos próprios autores

Percebe-se que, embora as escolas ofereçam um tempo para planejamento, este não é suficiente para concluir as tarefas docentes, pois muitos docentes acabam tendo que ocupar um tempo extra. Um dos professores questionados fez uma observação referente a essa questão: “Considerando reuniões, formações, sobra pouco tempo para planejar em casa para todos!”.

Chiavenato (2004, p. 430) aponta, independente da profissão, que “um ambiente saudável de trabalho deve envolver condições ambientais físicas que atuem positivamente sobre todos os órgãos dos sentidos humanos — como visão, audição tato, olfato e paladar”. Dessa forma, é fundamental que o professor se sinta bem em seu espaço de trabalho, para que ele atue com mais disposição, sua saúde seja preservada e os alunos se sintam mais motivados.

É importante para o professor uma boa estrutura física escolar com instrumentos e construções adequadas às necessidades de uma educação de qualidade que preserve a saúde dos estudantes e funcionários, como lousas brancas, aparelhos multimídia, climatizadores, espaço de lazer, entre outros.

A seguir, o gráfico apresenta o espaço físico e os recursos disponíveis nas escolas em que houve aplicação dos questionários:

Gráfico 4 – Recursos físicos disponíveis nas escolas



Fonte: elaborado pelos próprios autores

Observou-se que uma área de lazer adequada às necessidades dos estudantes foi um dos itens menos apontados pelos professores. Esse é um problema que pode, de certa forma, fazer com que o aluno se sinta preso à escola, o que acaba prejudicando seu processo de aprendizagem. Outro dado em destaque é que a maioria das escolas está substituindo o quadro-negro por lousas brancas, menos prejudiciais à saúde dos professores e dos estudantes. Alguns questionados também citaram a existência de laboratórios de ciências e ginásios de esportes.

Amado explica que as atuais condições de trabalho do professor se devem ao sistema capitalista:

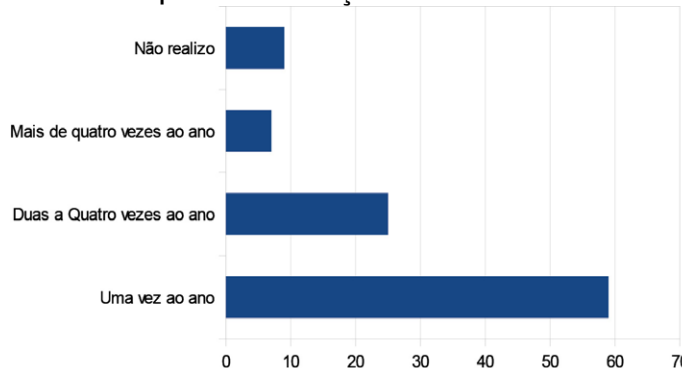
O trabalho do professor é diferente dos demais trabalhadores. Existe uma certa especificidade em sua atividade que o torna distante e ao mesmo tempo próximo ao capitalismo. Quando se diz que está distante é porque não produz o bem material comercializável. O produto final da educação é a mão de obra qualificada, que vai produzir a mercadoria para a comercialização. Entretanto, está próximo, quando a sua condição de trabalho é praticamente igual à do sistema capitalista: baixos salários, ampla jornada de trabalho e ambientes pouco adequados (AMADO, 2000, p.41).

4.3 A saúde do professor

A preservação da saúde dos docentes é fundamental para o sucesso escolar. Professores saudáveis, teoricamente, são mais ativos e dispostos. Professores que precisam se afastar da escola por motivo de doença podem prejudicar seus alunos e o processo educacional em geral.

A maioria dos professores realiza consultas médicas de rotina pelo menos uma vez ao ano e apenas 9% dos questionados afirmou não realizar. Esse dado revela que os professores, em geral, estão preocupados com sua saúde.

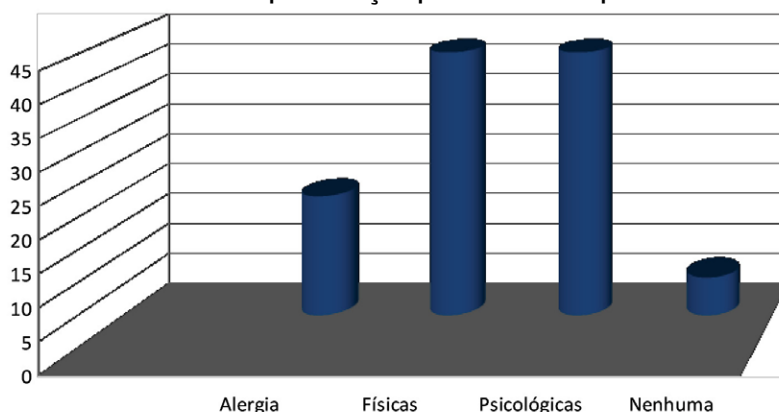
Gráfico 5 – Frequência de realização de consultas médicas de rotina



Fonte: elaborado pelos próprios autores.

Os docentes também foram questionados se já se afastaram do trabalho por motivo de doença, dos quais 46% afirmou que sim. O principal motivo do afastamento é por doenças físicas, e o tempo é superior a um mês. Porém percebe-se que as psicológicas também interferem em grande proporção no bem-estar do professor. É o que revela o gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Principais doenças que acometem os professores



Fonte: elaborado pelos próprios autores

As principais doenças físicas apontadas foram artrite, artrose, dores nas costas e nos braços e enxaqueca. Já as principais psicológicas foram a depressão e o estresse.

É possível observar que as doenças físicas e psicológicas prejudicam a saúde de quase metade dos docentes. A alergia, principalmente ao pó de giz, também revela que uma parcela significativa da população questionada ainda sofre as consequências do quadro-negro, ainda utilizado em 30% das escolas.

As doenças psicológicas foram o principal item apontado pelos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias. Destes, 32% realizam ou já realizaram tratamento com um psicólogo, enquanto na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias este número cai para 16%, Ciências da Natureza e suas Tecnologias 13% e Ciências Exatas 6%. Revela-se, assim, uma considerável diferença da saúde psicológica entre as áreas do conhecimento, possivelmente justificada pela quantidade de turmas em que cada professor leciona, uma vez que se observou que professores da área de Linguagens lecionam em mais turmas do que professores de outras áreas.

Diante de todos os resultados obtidos, afirma-se que as condições de trabalho interferem na saúde do professor, ressaltando a afirmação de Codo (2002, p.93): “qualquer debate, por mais profícuo, por mais ilustrado que seja, ou leva em conta as condições de trabalho na escola, as

condições dos trabalhadores que o realizam, ou estará fadado a engordar as estantes de nossas bibliotecas apenas”.

5 Conclusão

Este trabalho teve por objetivo a análise das condições de trabalho do professor de Ensino Médio das escolas estaduais da 17ª CRE e as influências para sua saúde.

Para isso, utilizou-se uma pesquisa descritiva, quanto ao seu objetivo; de levantamento, quanto ao seu procedimento metodológico; e quantitativa, referente à análise dos dados. Aplicou-se um questionário predominantemente de perguntas fechadas a 85 professores atuantes no Ensino Médio de 9 escolas da 17ª CRE, e os dados obtidos foram analisados através de uma estatística descritiva.

Para alcançar o principal objetivo foi preciso pesquisar, analisar e comentar a literatura sobre o tema, a fim de alcançar uma visão mais ampla e complexa através de estudos feitos por renomados autores. Escritores como Codo, Chiavenato e Varela, foram essenciais para criar uma base mais sólida sobre o problema da pesquisa.

Também conhecer as condições de trabalho dos professores de Ensino Médio da 17ª Coordenadoria Regional de Educação foi um passo importante. Observou-se que embora exista um tempo para planejamento na escola, este não é suficiente para concluir as tarefas docentes. A quantidade de alunos/turma é outra variável que necessita de atenção e planejamento, uma vez que a maioria dos professores questionados possui, em média, mais de 25 alunos/turma.

Quanto ao espaço físico, conclui-se que, em geral, os professores estão satisfeitos, mas ainda existem itens, como a carência de áreas de lazer adequadas ao número de alunos, que acaba prejudicando o processo educacional. Atualmente, existem alguns recursos tecnológicos na escola, que estão sendo utilizados para melhorar e aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem, como aparelhos multimídia e, inclusive, a substituição de quadros-negros por lousas brancas.

Na análise das doenças que atingem a população docente, observou-se a ocorrência em grande escala de doenças físicas e psicológicas. Cerca da metade dos questionados afirmou ter alguma doença física (dores nas costas e nos braços, artrite, artrose, enxaquecas, entre outras). A mesma proporção afirmou ser afetado por alguma doença psicológica (principalmente estresse e depressão). A alergia também afeta uma parcela significativa (30%) dos professores, principalmente aqueles que ainda estão sujeitos a usar o giz e o quadro-negro.

Após todas as observações e informações obtidas, verificou-se que há influência das condições de trabalho sobre a saúde do docente de Ensino Médio da 17ª Coordenadoria Regional de Educação, pois aqueles que estavam sujeitos às piores condições de trabalho apresentavam mais doenças e problemas de saúde.

O estudo é importante por proporcionar aos licenciandos uma visão mais real do trabalho docente, suas condições e interferências na saúde. Da mesma forma, a 17ª CRE, as escolas e toda a sociedade poderão debater e explorar a pesquisa, buscando encontrar soluções aos problemas existentes.

Com esta pesquisa, observou-se um dado preocupante para as autoridades locais e para a sociedade em geral: uma população envelhecida de professores. Apenas 3,5% dos professores questionados possuem menos de 30 anos de idade, enquanto 67% já possuem mais de 40 anos de idade e 46% já estão há mais de 20 anos trabalhando na profissão. Esses dados indicam que, em um futuro próximo, pode ocorrer a falta desse profissional, em nível regional ou até mesmo estadual e nacional, na sociedade.

Compreendendo a relação entre trabalho e saúde, espera-se que as pessoas, principalmente licenciandos e licenciados, possam preparar-se de uma maneira mais sólida e refletir sobre as

influências do trabalho na saúde. Também poderão as escolas da 17^o CRE e de todo o Brasil, em conjunto com todos seus segmentos, refletir sobre as principais causas e consequências da prática docente na saúde, bem como de encontrar soluções que amenizem ou solucionem esse problema, contribuindo para o almejado sucesso escolar.

6 Referências

AMADO, Elizabeth. **O trabalho dos professores do ensino fundamental**: uma abordagem ergonômica. 2000. 103 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFCS, 2000.

APEOESP. **Saúde dos professores**. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/especiais/saude_professor.htm>. Acesso em: 07 jun. 2007.

BARROS, R. P. de. **Caminhos para melhorar o aprendizado**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2011.

BRASIL, Lei nº 11.738 de 16 de Julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jul. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm> Acesso em 02 out. 2015.

CHIAVENATO, I. **Gestão de Pessoas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2002.

DANCINI, W. Não deixe sua chama apagar. **Vida e Saúde**, São Paulo, p. 8-13, ago. 2016.

LIMONGI-FRANÇA, A. C.; ARELLANO, E. B. Qualidade de Vida no Trabalho. In: FLEURY, M. T. L. (Coord). **As pessoas na Organização**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2002.

MOTA, Ronaldo. “Os professores precisam fazer curso de empatia”. **Zero Hora**, 13 jul. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/07/os-professores-precisam-fazer-curso-de-empatia-diz-ronaldo-mota-4800548.html>>. Acesso em: 06 dez. 2015.

NÓVOA, A. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

SANTOS, B. S. dos; ANTUNES, D. D.; BERNARDI, J. O docente e suas subjetividades nos processos motivacionais. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2757/2104>>. Acesso em: 30 set. 2015.

VARELLA, Dráuzio. **Doenças e sintomas**: Síndrome de Burnout. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/letras/b/sindrome-de-burnout/>>. Acesso em: 30 set. 2015.

ZARAGOZA, J. M. E. **O Mal-estar Docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.